

O BRINCAR FUNCIONAL E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO

LIMA, T. S.¹

FERREIRA, G. M. M.²

Palavras-chave: Brincar Funcional. Autismo. ABA.

INTRODUÇÃO:

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um Transtorno do Neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits na comunicação e na interação social, e também em características individuais, como comunicação verbal e não-verbal, interesses restritos, movimentos repetitivos, comprometimento intelectual, padrões estranhos de brincadeira, entre outros que são definidas por especificadores (American Psychiatric Association, 2014).

O tratamento para o TEA deve ser baseado nas necessidades de cada criança, desenvolvido de forma individual, dado que, indivíduos com o mesmo diagnóstico podem ter sintomas clínicos muito diferentes, dessa forma, existem intervenções conjuntas que englobam a psicoeducação, suporte e orientação de pais, psicoterapia comportamental, fonoaudiologia, medicação, dentre outras possibilidades que proporcionam uma melhor adaptação da criança ao meio em que ela vive (Reis e Lenza, 2019).

Por sua vez, Sella e Ribeiro (2018) apontam que aspectos sociais do desenvolvimento da criança são diretamente afetados pelo TEA, sendo possível observar sinais relacionados a dificuldade de atender a chamados, baixo contato visual, afeto reduzido, pouco sorriso social, poucos gestos de apontar, propensão por ficar sozinho, ausência de atenção compartilhada e interesse reduzido em brincadeiras com crianças, gerando perdas significativas em atividades que envolvem a socialização, como o brincar.

¹ Thamara Silva Lima. Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2024. Contato: thamaralimags@hotmail.com

² Giovana Maria Mourinho Ferreira. Orientadora da pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2024. Contato: giovanammourinho@gmail.com

Conhecer os impactos que o brincar funcional traz para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), pode contribuir para uma análise dos benefícios apresentados a criança na perspectiva da ciência da Análise do Comportamento, dado que, ao ser apresentado como um método interventivo, o brincar promove contextos que permitem o desenvolvimento de uma gama de habilidades.

OBJETIVO:

Identificar os impactos do brincar funcional no desenvolvimento da criança diagnosticada com TEA.

MÉTODO:

Esse trabalho é um recorte do trabalho de conclusão de curso e foi elaborado a partir de uma revisão da literatura nas bases de dados SCIELO, Pubmed, PEPSIC e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), no período entre 2019 e 2024. Os descritores utilizados foram “TEA”, “ABA”, “brincar funcional” e “autismo”. A metodologia utilizada foi a revisão dos artigos selecionados. Os critérios de inclusão foram artigos publicados nos últimos 5 anos. Foram encontrados 89 artigos, destes, apenas 5 artigos que abordam a temática proposta. Após a leitura dos resumos, os artigos foram lidos na íntegra. Os resultados apresentados são preliminares e foram interpretados buscando uma síntese do conhecimento encontrado.

RESULTADOS:

O surgimento da brincadeira funcional é um marco fundamental no desenvolvimento cognitivo, uma vez que, a aquisição dessas habilidades em bebês e crianças pequenas ocorre dentro de interações sociais com cuidadores e colegas, através da imitação e a atenção conjunta, exigindo uma maior compreensão das propriedades dos objetos e as suas relações de causa e efeito, assim como, um planejamento motor de sequências de ação e coordenação olho-mão, como, bater um martelo em um pino específico ([Fanning et al. 2020](#)).

O brincar funcional também está associado ao uso convencional de objetos ou associações entre eles. Por exemplo, combinar brinquedos com base em suas propriedades, como conectar trilhos de trem, direcionar objetos para si

mesmo, como segurar um telefone de brinquedo no ouvido, ou também, direcionar ações para os pares ou objetos inanimados, como escovar o cabelo de um colega ou alimentar a boneca com uma colher (Thiemann-Bourque, Johnson e Brady, 2019).

Crianças com autismo costumam apresentar déficits em diversas áreas, sendo as habilidades de brincar frequentemente afetadas, exibindo pouca ou nenhuma habilidade de brincadeira funcional. Assim, Koegel *et al.* (1974), apontam que comportamentos estereotipados interferem diretamente em comportamentos mais adaptativos, como brincadeiras com brinquedos, uma vez que, ao invés de brincar funcionalmente, crianças com autismo tendem a se envolver em comportamentos autoestimulatórios, como bater as mãos, balançar o corpo e girar objetos.

As habilidades lúdicas promovem um aumento significativo nas interações verbais entre variadas crianças, gerando oportunidades de adquirir novos comportamentos, sobretudo, porque outras pessoas podem se tornar modelos. Para Willians (2001), os déficits apresentados no uso funcional dos brinquedos e objetos podem estar associados as dificuldades relacionais e interacionais com os pares, uma vez que as pessoas desempenham papéis fundamentais em apresentar à criança o uso adequado dos objetos.

Assim, a automodelagem por vídeo (VSM), tem sido uma intervenção bastante eficaz para o ensino do brincar funcional, uma vez que, envolve o indivíduo visualizando a si mesmo realizando com sucesso um comportamento que está em seu repertório comportamental, mas ocorre com baixa frequência (Lee, Lo e Lo, 2019). Assim como, o uso de dicas, incluindo visuais e de áudio também têm se mostrado bastante eficaz para o ensino do brincar funcional, dado que, o brincar funcional é ensinado através de cadeias comportamentais, procedimento frequentemente utilizado para o ensino de atividades cotidianas, como escovar os dentes (De Matos, De Matos e De Araújo, 2019).

A Análise do Comportamento compreende o brincar como uma possibilidade de ensinar novos comportamentos à criança através da análise de como as contingências de reforçamento modificam o comportamento. Conforme citado por Lovaas (2003), o tratamento baseado na Análise do Comportamento Aplicada se concentra em ensinar uma vasta gama de comportamentos adaptativos, sendo eles cognitivos, linguísticos e sociais, através de reforços de

aproximações dos comportamentos alvo, aumentando assim, as diferenciações complexas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os estudos apontam para a potencialidade do brincar funcional no desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista, considerando que, o seu ensino promove não somente habilidades adequadas de brincadeira, mas também, ganhos relacionados ao desenvolvimento cognitivo, social e emocional, bem como, linguagem e raciocínio lógico.

A Análise do Comportamento Aplicada contribui para o processo de ensino e aprendizagem através de procedimentos voltados a aquisição de novos repertórios, como modelagem, modelação e cadeia comportamental, sendo o brincar funcional compreendido e ensinado em diversas dimensões da vida da criança com TEA, podendo atuar como um facilitador de interações sociais com pares, educadores e familiares.

Assim, embora o ambiente clínico seja essencial para o ensino do brincar funcional, é fundamental que a sua prática seja estendida a outros contextos, visto que, a continuidade desse ensino em outros espaços, como o ambiente escolar, familiar e social, permite a generalização das habilidades adquiridas.

Por fim, a relevância de pesquisas empíricas no Brasil se torna crucial para a validação e promoção dessas práticas, garantindo que o brincar funcional seja efetivamente integrado nas intervenções e, assim, impacte positivamente na qualidade de vida das crianças diagnosticadas com TEA.

REFERÊNCIAS:

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DE MATOS, D. C.; DE MATOS, P. G. S.; DE ARAÚJO, C. X.; *et al.* The Establishment of Functional Play Behaviors in Children with Autism: Implications for School Inclusion. **Creative Education**, v. 09, n. 13, p. 1910–1930, 2019. Disponível em: <https://file.scirp.org/pdf/CE_2018101715552495.pdf>.

FANNING, P. A. J.; SPARACI, L.; DISSANAYAKE, C.; et al. Functional play in young children with autism and Williams syndrome: A cross-syndrome comparison. **Child neuropsychology : a journal on normal and abnormal development in childhood and adolescence**, v. 27, n. 1, p. 125–149, 2020. Disponível em: <<https://eds.s.ebscohost.com/eds/pdfviewer/pdfviewer?vid=4&sid=3f218cfe-f088-479a-9574-e3881ea73acf%40redis>>.

KOEGEL, R. L.; FIRESTONE, P. B.; KRAMME, K. W.; et al. Increasing spontaneous play by suppressing self-stimulation in autistic children¹. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 7, n. 4, p. 521–528, 1974. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1311666/>>.

LEE, S. Y.; LO, Y.; LO, Y. Teaching Functional Play Skills to a Young Child with Autism Spectrum Disorder through Video Self-Modeling. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 47, n. 8, p. 2295–2306, 2019. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10803-017-3147-8>>.

LOVAAS, O. I. **Ensinando indivíduos com atrasos de desenvolvimento: técnicas básicas de intervenção**. Austin, Texas: PRO-ED, 2003.
REIS, S. T.; LENZA, N. A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. **Revista Atenas Higeia**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1 - 7, 2019. Disponível em: <http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/19>.

SELLA, A. C.; RIBEIRO, D.M. **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. Curitiba: Appris, 2018.

THIEMANN-BOURQUE, K.; JOHNSON, L. K. ; BRADY, N. C. Similarities in Functional Play and Differences in Symbolic Play of Children With Autism Spectrum Disorder. **American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities**, v. 124, n. 1, p. 77–91, 2019. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6748042/>>.

WILLIAMS, E.; REDDY, V.; COSTALL, A. Taking a Closer Look at Functional Play in Children with Autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 31, n. 1, p. 67–77, 2001. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11439756/>.